

Palestra do Guia Pathwork® n° 247
Palestra Não Editada
11 de janeiro de 1978

AS IMAGENS DE MASSA DO JUDAÍSMO E DO CRISTIANISMO

PERGUNTA: Fico perplexo com as reações enormemente fortes sobre toda a questão de Jesus Cristo. Entendo o que você disse sobre o medo da expansão que se aplica a todas as fases da expansão. Mas isso é tão forte que acho que a questão é mais profunda. Você poderia falar a respeito?

GUIA: A próxima palestra que estava programada iria tratar dessa questão como um todo. Mas como você fez a pergunta agora, vou responder e usar a resposta como a próxima palestra. Para tornar minha resposta compreensível, vou começar a palestra de maneira diferente do que teria começado normalmente, mas não faz mal. A mensagem transmitida será a mesma. Apenas vamos expô-la de um ângulo melhor.

Meus queridos, muito abençoados amigos! Muitos de vocês com certeza sentem a força das bênçãos divinas na vida e nas suas tarefas. Essa alegria especial, segurança, paz e entusiasmo, essa noção de que a sua vida tem um profundo sentido e propósito somente pode existir quando ela é totalmente dedicada a Deus, a Sua vontade e plano. Quanto mais isso acontece, mais as nuvens desaparecem e mais plena se torna a vida. Esse espírito de servir envolve mais e mais dos meus queridos amigos e lança raízes mais profundas nos seus corações. O resultado é que uma grande luz brota do seu nível de consciência e se funde com a luz mais poderosa e mais pura proveniente do nosso nível de consciência.

As fortes reações à realidade de Jesus Cristo devem ser consideradas em dois planos muito específicos e bem definidos: o pessoal e o coletivo. Se essa pergunta não tivesse sido feita, eu teria começado com o plano coletivo – isto é, a imagem de massa – e depois teria falado sobre as imagens pessoais, as distorções, os medos, etc. Agora vou abordar a questão de outra forma.

Vamos começar com o cristão que sente agora uma forte reação contra Jesus Cristo, que se rebelou contra sua educação e os valores defendidos por seus pais. Muitas vezes Jesus Cristo é identificado com uma moralidade rígida e uma negação dos sentimentos, da sexualidade, da autonomia, da forte energia que gera agressão positiva e autoafirmação. Cristo é descrito como uma figura mansa, passiva, assexuada, que exige o mesmo tipo de autonegação distorcida de todos aqueles que quiserem seguir Seus passos.

Assim, surge uma combinação muito confusa de percepção, entendimento e consciência. Por um lado, Cristo é descrito como amor, verdade, sabedoria, salvação, bondade e serviço ao Criador e Seu plano. Por outro lado, essa descrição é complementada pela negação, que aniquila a pessoa, dos valores, energias e expressões humanas intrínsecas. Essa é a imagem de massa do cristianismo!

Como todas as imagens de massa, esta também provém necessariamente de pessoas que viveram situações especiais no início da vida, o que fomenta a formação de imagens. O início pode ter sido nesta vida ou em vidas anteriores. Quanto menos uma imagem específica foi desfeita, mais ela cria condições na encarnação seguinte que contribuem para a recriação da imagem. Cabe então à pessoa usar essas condições para desfazer a imagem. Estou repetindo o que já expus há anos, com referência a todas as imagens. Daqui a pouco vamos falar em detalhes sobre a imagem de massa, do ponto de vista das imagens. Primeiramente, quero voltar às reações pessoais de uma criança que cresceu com essa confusão e que lida com a questão à sua moda.

Uma criança não tem condições de deslindar a mistura de verdades e falsidades sobre Jesus Cristo. Assim, ela tem duas opções. Uma alternativa é aceitar a totalidade do que lhe é transmitido. Nesse caso, ela cresce com o conceito tradicional do que é ser cristão. Ela tem medo de seus sentimentos, nega sua sexualidade, contém sua agressão identificada com o mal. Por baixo, todos esses impulsos reinam, mas são muito ameaçadores para a criança. Ela acredita que peca sempre que registra sentimentos não permitidos. Também se revolta, é claro, mas o medo de manifestar essa rebeldia abertamente é forte demais. Dessa forma, também a rebeldia precisa ser reprimida e negada, o que só serve para gerar mais culpa, mais sensação de, no fundo, ser um pecador. Esse tipo de pessoa recorre a qualquer tipo de doutrina para reforçar sua negação. Volta-se para seitas que tomam a Bíblia num sentido muito literal e doutrinário. Sente-se segura apenas dentro de uma estrutura rígida, que nega a vida.

A outra alternativa é a criança revoltar-se, aberta e conscientemente, contra essas restrições ao seu ser. Este, naturalmente, é o tipo de “cristão rebelde” com o qual lidamos neste caminho. Pois o “cristão submisso”, a primeira categoria, jamais entraria num caminho como este. Tal atitude seria totalmente contrária às válvulas de segurança que ele criou.

A imagem do “cristão rebelde” acarreta a necessidade de reforçar a rebeldia, já que no fundo ele tem algumas dúvidas sobre a justificativa de sua rebeldia. A verdade é que ele deve negar a negação de seus sentimentos, de sua agressão positiva, de sua sexualidade, de sua autonomia e responsabilidade por si mesmo. Mas sem dúvida ele não deve negar a verdade de Jesus Cristo, de Seu amor, Seu poder, Sua presença, e a necessidade de que Ele faça parte de sua vida.

O “cristão submisso” padece da mesma confusão e falsa fusão de verdade e erro. Ele precisaria aprender a fazer exatamente o contrário do que faz o “cristão rebelde”. Todas as crianças precisam de pais que sejam fortes e corretos. Isto lhes dá a sensação de segurança. Um pai fraco e “errado” não protege contra o mundo ameaçador. O “cristão submisso” também aceita a doutrina de seus pais sem questionar, porque não pode suportar o pensamento de que seus pais possam estar enganados.

Mas como isso se aplica ao “cristão rebelde”? Este encontra segurança na rejeição completa dos valores de seus pais, pelo menos nesse aspecto em particular. Ele cresce com uma sensação de superioridade. Considera sua negação de Cristo uma atitude mais evoluída. Aqui também existe confusão. É de fato “mais evoluído” negar as falsas negações, mas não é mais evoluído negar as verdades que estão juntas. Na consciência de uma pessoa dessas, existe um enorme medo de descobrir que talvez, no fim das contas, seus pais estivessem certos. A consciência infantil divide as coisas em ou isso ou aquilo. Vocês sabem disso. Todas as imagens se baseiam na incapacidade de distinguir a

verdade da falsidade, porque sempre existe a associação do totalmente certo em contraposição ao totalmente errado. Estar certo significa ser bom, aceitável, ter o poder de criar uma vida segura, ser merecedor de felicidade. Estar errado significa ser mau, inaceitável, sem poder de gerar segurança, sem ser merecedor de felicidade. Isso se aplica ao eu e, por extensão, aos pais. O “cristão rebelde” consegue lidar com a possibilidade de seus pais estarem totalmente errados. Isso justifica sua negação de tudo que os pais defendem. Num nível infantil, muito primitivo, a ameaça que o “cristão rebelde” sente agora, quando Jesus Cristo está sendo reintroduzido de uma maneira mais dinâmica, é simplesmente esta: “Se meus pais, afinal, estavam certos com relação à realidade de Jesus Cristo, também devem estar certos sobre o fato de meus sentimentos sexuais serem pecaminosos, sobre meu impulso de individualidade, de autonomia, de autoexpressão também serem pecaminosos. Eu não tinha o direito de me zangar e expressar minhas energias com agressividade, pois toda agressão também é ruim. Também sou culpado e mau por ter negado Cristo e meus pais no passado. Isso eu não posso tolerar, portanto preciso renunciar a essas ideias.”

Quanto mais forte a confusão interior sobre o que é verdadeiro e o que é falso nas tradições herdadas dos pais, tanto mais forte o medo de descobrir que “eu estava errado, portanto sou mau.” Consequentemente, mais forte a ameaça e a revolta contra a fase mais recente, que parece ecoar as advertências dos pais.

Pode-se ver claramente que o mecanismo é igual ao de toda formação de imagens – e dissolução de imagens. Também se pode ver claramente que a imagem pessoal é multiplicada muitas vezes, pois existem muitos casos e situações semelhantes. Dessa forma, cria-se uma imagem de massa. A imagem de massa do “cristão rebelde” tem por trás dela a possibilidade do “cristão submisso” e vice-versa. O “cristão rebelde” tem medo de que, se mexer na sua imagem, questioná-la e eliminá-la, ele vá se tornar um “cristão submisso”. E o “cristão submisso”, é claro, igualmente tem medo de mexer com sua imagem, pois isso poderia significar tornar-se um “cristão rebelde” que joga fora, juntamente com as falsidades, a bela verdade de Jesus Cristo. Neste caminho, lidamos muito mais com o primeiro tipo. O segundo existe apenas como uma ameaça, um medo que podem ser afastados quando a luz clara da verdade brilha sobre a substância da alma que contém essas imagens rígidas e fixas. Mais tarde vamos discutir não apenas os outros aspectos de todas as imagens (conclusão errada, círculo vicioso, provar que a conclusão errada está correta), mas também mostrar como se faz para acabar com a imagem.

Antes, porém, vamos falar da imagem de massa judia. É preciso começar sempre com uma imagem pessoal que é multiplicada, frequentemente tantas vezes que se cria uma imagem coletiva. Assim, vamos começar com o sentimento de se sentir ameaçado pela dúvida de Jesus Cristo ser de fato uma manifestação de Deus. De forma semelhante ao “cristão submisso”, o judeu que nega Cristo se sente enormemente ameaçado pela possibilidade de seus pais estarem errados. Se eles estiverem errados a esse respeito, a respeito dessa importantíssima questão sobre a vida, o mundo, Deus, será que eles merecem alguma confiança? O chão parece desaparecer debaixo dos pés da criança/adulto. Isso se aplica tanto à pessoa que externamente se revolta contra seus pais, discorda deles em muitos assuntos, como também àquelas que aparentemente concordam com eles em quase todas as questões importantes da vida. Assim, em um nível existe um problema pessoal/psicológico em que parte da alma, que não cresceu, não consegue aceitar o fato de os pais estarem errados em qualquer coisa, porque nesse caso eles estariam errados com relação a tudo.

Por trás desse nível pessoal/psicológico de reação está todo um mundo de história – a tradição na sua forma verdadeira e na forma distorcida. Vamos procurar examinar um pouco esse aspecto, até onde é possível agora e no contexto desta discussão. Houve uma época em que os judeus eram os únicos que adoravam o Criador como único Deus e que estavam em contato com Ele e procuravam seguir Seus mandamentos e leis. Esta bela realidade começou a se desintegrar, como é inevitável com a natureza humana, quando o eu inferior entrou em cena. Ele levou o orgulho, a arrogância e a superioridade com relação àqueles que não pertenciam à comunidade e à fé judaica. O pagão era olhado de cima para baixo como um ser inferior, e o judeu via a si mesmo como o aristocrata da família humana.

É evidente por que Jesus Cristo nasceu como judeu. Como Ele era uma manifestação e encarnação do verdadeiro Deus, da verdadeira realidade divina, Ele somente poderia se manifestar entre o povo que adorava a esse Deus, e não aos deuses que muitas vezes eram espíritos de reinos muito subdesenvolvidos, até mesmo espíritos maus (mas não exclusivamente). Esse enorme dom foi também um teste. Isso também é sempre verdade. Todos os dons são testes, assim como os episódios dolorosos são testes. O teste era Jesus ser reconhecido como quem era. Para tanto, isso exigiria superar o orgulho pessoal, os impulsos de poder, o interesse próprio, o oportunismo em causa própria. Se isso tivesse acontecido, jamais poderia ter sobrevivido uma cisão. Não haveria a divisão judaísmo contra cristianismo. O cristianismo teria sido apenas uma extensão do desenvolvimento do judaísmo, quer fosse dado um novo nome para indicar esse verdadeiro caminho, quer os dois nomes fossem usados para indicar uma combinação e extensão da verdade do passado na verdade do agora eterno.

Como situação coletiva, o teste fracassou. Isso é evidente. O medo de admitir tal fracasso é tão irracional e distorcido quanto o medo da pessoa de aceitar suas imperfeições e sua cegueira. Vocês aprenderam neste caminho que reconhecer os erros é um dos mais importantes aspectos do crescimento, da libertação, da purificação, da autoestima. A relutância em admitir um possível erro perpetua muitas vezes o erro e gera culpas secundárias, que são muito mais graves e difíceis de erradicar. Quanto mais duradoura e mais firme a resistência à verdade, tanto mais dolorosa ela é. O mesmo vale para os processos e a dinâmica coletivos. O único meio de eliminar as imagens coletivas e a verdade se instalar na consciência é a existência de um número suficiente de pessoas que têm a coragem e o compromisso com a verdade para defendê-la.

Os judeus que estavam no poder se sentiram ameaçados (injustamente) por Jesus Cristo. A ameaça se referia apenas na medida em que eles queriam negar a verdade divina e a orientação divina. Como os líderes prevaleceram sobre a maioria, apenas uns poucos corajosos se voltaram para Cristo. A separação foi operacionalizada por aqueles que se recusaram a considerar que Ele poderia de fato ser o Messias prometido, já que não desejavam abdicar de seu poder negativo, que servia a seus próprios interesses. Uma vez ocorrida a separação, mais pagãos deram ouvidos à nova mensagem e a aceitaram. O coração deles ansiava por isso de modo que, com o passar do tempo, havia mais seguidores de Cristo entre os pagãos do que entre os judeus. A atitude dos pagãos para com os judeus foi, em grande medida, uma resposta à inferioridade que era atribuída a eles pelas pessoas que alegavam ser portadores do amor de Deus e da palavra de Deus. Assim, os dois lados se tornaram inimigos.

Na consciência dos judeus, os pagãos e os cristãos tornaram-se uma só coisa. Os judeus consideravam ambos inferiores e hostis a eles. Essa hostilidade muitas vezes de fato ocorreu, mas em

vez de perguntar a si mesmos de que maneira eles haviam contribuído e provocado essa reação, assumindo a responsabilidade por ela e encarando-a como uma criação das duas partes (como vocês aprenderam a fazer neste caminho), os judeus se isentaram de qualquer responsabilidade e passaram a se apresentar como vítimas dos pagãos, i.e. cristãos que, mesmo assim, continuavam a desprezar e a rejeitar.

Esta velha história é muito pertinente, pois aqueles que nasceram em famílias que mantêm essa atitude também abrigam eles mesmos essa atitude. Podem usar as influências como um desafio, e assim contribuir para desfazer a imagem de massa. Ou então podem optar por perpetuá-la e, assim, perpetuar o carma judeu.

Quando algum de vocês trabalha com um problema pessoal e se vê aterrorizado porque seus amigos e helpers o confrontam – quando vocês se defendem até contra a possibilidade com a qual estão sendo confrontados – vocês reagem de acordo com a mesma premissa errônea de que estar errado, ter atitudes do eu inferior, ter cometido um erro é imperdoável e inaceitável. O terror de vocês não passa disso! Vocês acreditam que deixam de ser dignos de amor se esta ou aquela negatividade for de fato verdadeira. Somente quando adquirem coragem e, portanto, também humildade, é que saltam no aparente abismo que significa a abertura da mente, e só então é que podem constatar que a premissa era falsa. De fato, é somente quando admitem totalmente a sua imperfeição e falibilidade humana que se tornam seres humanos completos, descobrem seu valor verdadeiro e realista, descobrem o amor de Deus por vocês, que sempre existiu, mas que não conseguiam sentir, devido àquela falácia. Este sempre foi o verdadeiro caminho, e sempre será o verdadeiro caminho. Isto se aplica às situações coletivas tanto quanto às individuais.

Deve ficar cada vez mais evidente para o observador que a mesma dinâmica vale para as imagens de massa e as imagens individuais. Quanto mais a verdade é negada, maior se torna a culpa real e, portanto maior a resistência no intuito de afastar a culpa acumulada. O carma negativo é um acúmulo, ao longo de diversas vidas, de situações não resolvidas, não verdadeiras, que têm suas próprias leis e consequências, assim como a verdade tem suas leis e consequências. Quando essas consequências são persistentemente interpretadas como acontecimentos fora do contexto, transformando assim a raça judia em vítima, a vitalidade de que precisam lhes é arrancada – a vitalidade para ser uma parte que comanda a si mesma na família humana. Vocês só podem se transformar nessa pessoa autônoma se a verdade for colocada acima da defesa – quando a verdade for mais importante do que justificar a si mesmos ou a seus pais ou a seus ancestrais. A constante cadeia de causa e efeito, de carma negativo, de repetição infindável de fatos indesejáveis, pode ser quebrada, meus amigos. Por que vocês vêem essa dinâmica tão claramente quando se trata de aspectos pessoais do momento, e no entanto definem um limite quando se trata da realidade coletiva?

A resposta é que – acima e além do que eu disse anteriormente sobre o terror do filho de que seus pais estejam errados – a culpa pessoal por negar a verdade de Jesus Cristo parece dolorosa demais para ser suportada. Tal atitude acarretaria desistir de ser vítima e do jogo da culpa. Acarretaria assumir parte da responsabilidade por grande parcela do sofrimento passado. Acarretaria sentir a dor da culpa por ter provocado sofrimento, principalmente em uma pessoa amada. Vocês podem ou não ter efetivamente vivido nesse tempo. Mas mesmo que não tenham estado presentes, ao se aliarem àqueles que foram diretamente responsáveis, ao justificarem os atos deles e ao jamais fazerem a pergunta crucial – “Será que Ele era o Messias prometido?”, vocês, de fato, se tornam co-responsáveis.

Quando vocês trabalham com qualquer problema pessoal e, depois de muita resistência, finalmente se decidem a ver a verdade, às vezes passam, efetivamente, pela dor da culpa. Mas quando fazem isso com um espírito de vida, e não de morte, com um espírito de fé, e não de negação, vocês chegam à autoaceitação, ao perdão de si mesmos e, portanto sentem que Deus já os perdoou. Percebem, então, a luz e uma nova força proveniente da completude. Sentir a dor da culpa real não é nunca um processo debilitante. É um processo de vida, é uma purificação e leva à unidade consigo mesmo, com os outros, com Deus. Vocês acham que podem tentar ter essa mesma atitude com qualquer problema universal que surja em sua vida? O que têm a temer se a verdade (Deus) é a sua maior preocupação? Ao recusarem essa abertura, vocês expressam claramente que para vocês a principal questão não é a verdade, mas sim estarem certos. Não importa como procuram justificar seu antagonismo em relação a Jesus Cristo; vocês não estão com a verdade quando se recusam a fazer essa pergunta de maneira sincera e aberta, e esperar um período de gestação para que a resposta brote de sua mente e do seu coração. Como podem se achar livres e liberados quando algo em seu íntimo está hermeticamente fechado, quando justificar a correção infalível de seus ancestrais sobre essa questão fundamental é mais importante do que a própria verdade?

Basta observar a sensação de ameaça que demonstram quando estas palavras lhes são dirigidas. Avaliem o significado dessa reação. Será que conseguem se distanciar por um momento da questão e considerar que esse sentimento pode ser uma distorção, pode ser irracional, pode conter falsas premissas da parte de vocês? Só isso já é um remédio para sanar a situação.

Agora vamos considerar a dinâmica das imagens que eu ensinei enquanto trabalhavam no caminho com muitos problemas pessoais em que as imagens acabam com as suas vidas. Vale a pena fazer uma breve recapitulação. Uma imagem é uma ideia falsa, uma conclusão errada tirada na infância, com equipamento mental insuficiente para fazer uma avaliação correta. Essa conclusão errada, como todas as inverdades, cria situações, sentimentos e acontecimentos negativos. A não verdade é sempre dolorosa. A defesa contra a conclusão errada gera um padrão negativo de ação e reação que afeta os outros adversamente. O equívoco fica fixado e congelado na substância da alma, porque jamais é questionado ou desafiado. A personalidade reage cegamente, por reflexos condicionados e não em função da verdade adequada àquela ocasião em particular. O efeito negativo gerado nos outros volta necessariamente para a pessoa e parece sempre confirmar o equívoco original, o que parece exigir a defesa, o que gera reações negativas nos outros. E assim continua, infindavelmente. A alma não é livre quando existe uma imagem.

A imagem do “cristão rebelde” é “se eu aceitar Cristo, precisarei abrir mão de minha vitalidade, minha energia vital, minha sexualidade, meu corpo, meu prazer, pois tudo isso é pecaminoso.” Portanto, ele cria uma defesa que deixa Cristo de fora, para afirmar sua sexualidade. Mas deixar Cristo de fora significa deixar de fora uma parte essencial do mundo divino de verdade, amor, beleza e vida. Começa a existir uma divisão e a pessoa vive com sofrimento, dúvida oculta e culpa. Em vez de liberar suas forças, ela precisa se revoltar. E vocês sabem que a rebeldia nada mais é que uma tentativa irrefletida de calar as vozes interiores. Assim, ao invés de tornar-se mais forte, ela se torna mais fraca. Pode encobrir essa fraqueza com uma força mascarada que muitas vezes não engana ninguém, muito menos a própria pessoa. Ela se sente um fracasso, uma impostura, e não sabe por quê. De fato, acredita que sua fraqueza decorre do fato de ter sido influenciada, na infância, a aceitar Jesus Cristo, e que agora não conseguiu rejeitá-lo totalmente. Quanto mais rejeitam uma verdade, qualquer verdade, tanto mais se enfraquecem de alguma forma. E a divisão interior se aprofunda. Mais conflitos surgem. Assim, o equívoco de que Cristo significava que vocês precisavam negar as

essências vitais gera atitudes e reações que, no fim das contas, parecem confirmar o equívoco original.

A imagem judia é a seguinte: “Se meus pais e ancestrais erraram e mataram não apenas um homem bom, mas um homem que era a manifestação de Deus na Terra, eles eram pessoas totalmente más. Jamais podem ser perdoados. Não consigo pensar nessa possibilidade. Preciso negar essa possibilidade para não ser co-responsável.” Mas Cristo não disse, tantas vezes, que Deus é perdão? Ele não tem sempre misericórdia, compreensão e amor? Não é essa uma das grandes mensagens que Ele transmitiu – que Deus não pune sem misericórdia e sem perdão, que não é nunca “olho por olho, dente por dente”? Aqui temos um círculo vicioso: acreditar plenamente na antiga tradição do judaísmo, “olho por olho e dente por dente”, torna impossível a admissão de um pecado. A punição é terrível demais. Portanto a verdade, mesmo a possibilidade de que Jesus Cristo pudesse ser a verdade, precisa ser negada.

E como essa imagem funciona? O equívoco é que Jesus era um falso profeta, um impostor, que os pagãos (e cristãos) estão mentindo, estão iludidos, são inferiores e ao mesmo tempo algozes, dispostos a aniquilar os judeus. Quanto mais firme é essa crença, tanto mais ódio e discriminação, mais separação e inimizade surgiram na consciência de muitos judeus, criando assim uma imagem de massa. A defesa contra essa crença gerou mais antagonismo e a efetiva perseguição dos judeus. Dessa forma, o equívoco gerou uma defesa que, por sua vez, não poderia deixar de corroborar a aparente verdade do equívoco.

Quanto maior a culpa e, portanto, o medo de sua dor e de sua suposta impossibilidade de perdão, mais forte precisa ser a defesa contra a verdade em questão, relativa ao problema. E tanto mais o coração e a mente precisam ficar fechados, e mais esse fato precisa ser negado, justificado e combatido.

Meus queridos amigos, há tantos anos vocês têm trabalhado sua psique, sua substância da alma. Vocês lidaram com muitas imagens na sua psique pessoal. Chegaram a ver os danos de todas as imagens, pois as imagens não são apenas uma distorção da verdade, equívocos, percepções errôneas. Inevitavelmente elas geram uma alma rígida que os separa do melhor que têm em seu íntimo, da vida com todas as suas possibilidades criativas, de Deus, de amarem e serem capazes de receber e aceitar o amor. As imagens, com sua inverdade, são más e geram o pecado. Elas geram uma guerra na alma, uma guerra na personalidade e, no exterior, com os outros. Vocês aprenderam, muitas vezes a duras penas, a importância de questionar e desfazer as imagens. Só existe uma maneira de fazer isso. É começar a fazer perguntas muito investigativas. Isso lança nova luz no quadro. Abre portas que até então estavam fechadas. Amolece a substância da alma endurecida. Para desfazer qualquer imagem, é preciso fazer muitas perguntas de todos os ângulos possíveis. A mente precisa estar aberta para olhar a situação e avaliar tudo que possa ser pertinente à questão.

Na última palestra, falei sobre as conotações positivas e negativas da tradição. Também falei sobre certos movimentos deste caminho, suas ênfases em diferentes períodos e fases. No período correspondente mais ou menos ao último ano, deve ter ficado bem evidente para muitos, que às vezes observam o rumo que o caminho toma, que partindo da ênfase sobre a purificação e a libertação individuais por meio da dissolução das falsas imagens, estamos cada vez mais preocupados em criar uma nova sociedade. Isso inclui desfazer todas as imagens de massa que constituírem um obs-

táculo para o desenvolvimento da pessoa autoconsciente. A nova sociedade, da qual vocês são pioneiros, não pode viver com imagens congeladas na substância da alma.

Eu digo sempre que este caminho representa a pessoa da nova era. Não é por coincidência que existe aqui uma mistura tão grande de antecedentes religiosos. Nos seus comitês políticos, por exemplo, vocês aprendem como a política pode ser tocada com os princípios que estão aprendendo. Na direção das empresas, na administração, aprendem a mesma coisa na aplicação prática. Nas atividades artísticas, vocês abordam os processos criativos de uma maneira totalmente nova, para eliminar os bloqueios. Por quê, então, seria diferente no tocante à religião e às crenças? Para desfazer essas imagens de massa específicas, é preciso ver que existem imagens a investigar, questionar, desafiar e fazer avaliações novas sobre o assunto, em vez de simplesmente deixar correr, sem tocar nos assuntos diretamente afetos a essas imagens.

A sociedade da nova era não conhece judaísmo ou cristianismo como são conhecidos hoje. No entanto, conhece ambos. Tira a verdade de ambos e a desenvolve, depois de filtrada pela consciência que vem evoluindo e se expandindo. A pessoa da nova era é tão livre que nenhuma palavra é capaz de desencadear reações emocionais, seja essa palavra “judeu” ou “cristão”, “Jesus Cristo” ou “religião”. Para muitos, a palavra “reencarnação” tem uma conotação semelhante. Ela vai contra os ensinamentos do judaísmo e do cristianismo, pelo menos na forma como são ensinados hoje. Entretanto, é uma das verdades eternas, a despeito de se encaixar na religião adotada por algumas pessoas. Vocês não acham particularmente significativo que essa palavra e também o conceito por trás dela deixe de suscitar reações tão fortes quanto a palavra “Jesus Cristo”? Vocês podem acreditar ou não em reencarnação, para começar, mas a negação dessa ideia não traz um forte envolvimento emocional, nem há vantagem em negar esta ideia. É por isso que as suas portas estão muito mais abertas a esse respeito e, mais cedo ou mais tarde, vocês sentem no seu íntimo a verdade da reencarnação.

O novo homem e a nova mulher estão isentos de envolvimento emocional que bloqueiam a verdade. Não há interesse em sustentar ou negar qualquer coisa. Eles aceitam o que é verdadeiro. Esse compromisso é firme e sempre expresso perante o Criador. Assim, a verdade flui livremente. A pessoa da nova era não está presa a nacionalidade, partido político, raça ou credo. Ela combina todas as verdades e rejeita todos os erros, como eu expliquei na palestra sobre a política da nova era, na qual democracia, comunismo, monarquia e capitalismo são combinados no que cada um tem de verdadeiro no melhor sentido e deixa de fora as inverdades, que geram separação e colocam uns contra os outros. O mesmo se aplica a qualquer outra expressão humana. Também na religião, a verdade combina e unifica; a inverdade separa. A inverdade e a separação geram o mal, a dissensão, a hostilidade, a guerra exterior e interior, as dualidades que se excluem mutuamente: “se sou judeu, não posso ser cristão, não posso acreditar em reencarnação. Se eu acredito em monarquia, não posso ver o que há de bom em algumas ideias socialistas e/ou comunistas. Se sou progressista, não posso defender a tradição.” Todas essas são falsas escolhas que separam. Quando você é uma coisa em contraposição a outra, você exagera e portanto não pode ser aquilo no seu melhor sentido.

Com a atual agitação em torno de Jesus Cristo, aqueles que sofrem o peso do próprio medo e das imagens de massa a esse respeito muitas vezes, no íntimo, não aceitam suas melhores tradições. Frequentemente se orgulham de não serem absolutamente voltados para a religião. Assim, suas violentas reações contra a possibilidade da existência de Cristo, se verdadeiramente analisadas, revelam ser uma teimosia arrogante, um falso senso de individualidade.

A verdadeira individualidade não pode nunca estar associada uma consciência de grupo, religião, nacionalidade, partido político. A verdadeira individualidade somente pode florescer quando se busca a verdade de Deus em todas as questões, em todas as ocasiões, para que possa brotar a experiência interior pessoal. As pessoas, nessa acepção verdadeira, vão criar a nova consciência de grupo, que é composto por homens e mulheres livres, para os quais a vontade de Deus reina sobre tudo o mais. Um grupo desse tipo nunca fica em oposição à pessoa mas, como mencionei antes, um fortalece o outro.

A Terra sofre profundamente por causa dos seres humanos que ainda não entenderam essa verdade – que ainda são imaturos demais para captar a imensa força, autonomia e liberdade que existe na entrega total a Deus, trabalhando ao mesmo tempo e constantemente para limpar a psique de impurezas, ignorância, confusão, falsas imagens, mesquinha emocional e deslocamento da individualidade para qualquer espécie de tradicionalismo social. O sofrimento do mundo de vocês é provocado exclusivamente por essas atitudes que, muitas vezes, são confundidas com dignidade, orgulho no bom sentido, caráter, valorização de si mesmo, etc. Olhem para os países em guerra que não conseguem chegar a um acordo de paz. Cada um deles está convencido de sua retidão, enquanto o outro está errado. Nenhum consegue ver, ou quer ver, que ambos estão certos e errados. Esse exemplo é muito óbvio, mas o mesmo mal existe em questões muito mais sutis que não parecem ter ligação imediata com a dissensão e o sofrimento do mundo.

A humanidade está começando a crescer. Esse processo é lento e muitas vezes prejudicado pela resistência pessoal ao crescimento; pelas formas habituais de pensar, cujo padrão jamais é questionado; pelas ideias inflexíveis que as pessoas se recusam a abandonar; pelo comodismo pessoal; e, finalmente, mas não menos importante, pelo erro trágico de julgar que a velha maneira de ser é segura e, por isso, precisa ser cultuada e mantida. É por meio dessas atitudes que as forças do mal têm acesso à consciência humana e a lançam na destrutividade, que se manifesta de várias formas. Todo o processo de crescimento é assim prejudicado, retardado, provocando sofrimento desnecessário o tempo todo. Vocês conhecem bem essa dinâmica no caminho individual. A humanidade como um todo passa por uma dinâmica idêntica. Quanto mais seres humanos conseguirem eliminar seus bloqueios e limpar a alma e a substância psíquica, tanto mais a humanidade como um todo ficará pronta. Assim como vocês, como pessoas, contêm uma parte que quer dar o melhor de si para evoluir e superar as resistências e o medo, e outra parte que procura razões para interromper esse processo, também a humanidade contém essas duas partes. As pessoas que seguem seu verdadeiro destino são o eu superior da humanidade; aquelas que resistem são o eu inferior da humanidade. Assim como na luta individual, tudo é uma questão de saber qual parte é a mais forte; assim a humanidade passa pela mesma oscilação de equilíbrio.

Não é verdade que existirão sempre guerra, sofrimento e injustiça nesta Terra. Isto é verdadeiro apenas enquanto a maioria dos seres humanos se recusar a crescer, permanecendo num estado interior de erro, falsidade e confusão. Quanto mais as pessoas como vocês se firmarem no seu propósito, no entendimento do que está envolvido, tanto mais pessoas abandonarão o orgulho pessoal, o interesse próprio, o oportunismo mesquinho (que significa falta de fé), e tanto mais vocês e seus semelhantes vão fazer pender o prato da balança. A humanidade ingressará em seu destino inato.

Mas como a fé vai aumentar? Somente quando a vontade de conhecer Deus e Sua vontade se aplicar a todas as questões é que Deus pode se manifestar a vocês e a fé pode se tornar uma experiência real, e não uma palavra sem sentido. Vocês têm o dever – perante si mesmos – de se liberta-

rem de todas as imagens pessoais, porque elas atrapalham e frustram o âmbito de vivacidade e capacidade de vivenciar amor, verdade e beleza, de modo que vocês efetivamente têm uma obrigação para com a raça humana no sentido de se libertarem de todas as imagens de massa, mediante a eliminação das imagens de massa de cada um. Vocês e a sua vida estão em jogo, mas também muito mais!

Talvez vocês consigam começar a visualizar a pessoa da nova era, a nova sociedade, de uma maneira como jamais fizeram. Vejam esse novo você de uma maneira alegre, extremamente livre. Vejam uma sociedade na qual a dissensão e a separação já não têm lugar, porque quando elas surgem, são tratadas nos níveis mais profundos, como aprenderam a fazer no plano pessoal. Vocês aprenderam neste caminho que, quando existe inimizade entre vocês e outra pessoa, ela sempre pode ser resolvida quando realmente desejam ser verdadeiros e quando vão aos níveis mais profundos, abaixo da superfície. Vejam essa nova sociedade que vocês estão construindo e que será, como eu já disse muitas vezes, um modelo para o mundo todo.

A unidade de que estou falando nada tem a ver com “tolerância”. Tolerar implica que ainda existe uma diferença, diferença com relação à qual vocês podem se achar superiores ou não, mas sem dúvida uma diferença. Existem três etapas a esse respeito na evolução da humanidade em relação à unidade versus separação: (1) separação como inimizade declarada, (2) tolerância; (3) união, unidade. Encontrar essa unidade por baixo da diversidade significa paz, significa amor, significa verdade, significa crescer e atingir a maturidade da humanidade.

Se aplicarmos isso ao tópico de Jesus Cristo, a humanidade já superou a etapa de um matar o outro por ser judeu ou por ser cristão. Quando digo isso, o sentido é que, quando isso acontece, é considerado um crime horrível pela maioria da humanidade, em vez de haver convivência. A atitude predominante da humanidade hoje em dia, pelo menos na superfície, é o judeu tolerar o cristão e vice-versa. Por baixo da superfície, descubram as áreas em que talvez ainda admitam que desejam aniquilar o outro por ser “diferente” e, dessa forma, questionem a sua insegurança em relação à sua espiritualidade e à sua formação religiosa. Alguns já fizeram isso e transpuseram um túnel para chegar à etapa seguinte em que estão intrinsecamente preparados para a união, a unidade. As diferenças são exterminadas, vocês descobrem que Jesus jamais foi uma força divisora. Judeus e cristãos, com suas distorções, criaram essa impressão. Jesus Cristo foi uma ponte, uma etapa posterior de amor e verdade que se aplica a toda a humanidade e unifica toda a humanidade. Portanto, a tolerância já não tem espaço nessa nova unidade. Vocês são todos um só em todas as grandes tradições que chegaram à Terra e que contêm aspectos da verdade. Combinadas, elas falam mais de uma história completa: a história da criação, a história da humanidade, a história do relacionamento do homem com Deus, a história da presença de Deus na vida do homem.

Acabem com as diferenças superficiais e descubram o grande elo da unidade interior – não pela eliminação Dele, que se transformou em figura controversa, e sim pela eliminação da controvérsia artificial e errônea que é totalmente baseada na limitação humana de visão e na compreensão errônea. Se o judeu se sente discriminado por causa de Cristo, procurem ver que enviar Cristo para uma encarnação judia foi um grande ato de amor de Deus por seus filhos judeus. Se o cristão acha que precisa negar suas energias, seu princípio do prazer se aceitar Cristo, procurem ver que se trata apenas de uma interpretação errada. Eliminem os seus equívocos, questionem as suas premissas, pensem na possibilidade de a verdade ser totalmente diferente – de tal forma diferente que não apenas

vocês não perdem nada, mas ganham tudo, tudo aquilo que temem perder ao abrirem mãos das ideias fixas.

A nova luz alimenta e os fortalece, a todos. Sua força e seu impacto se aceleram à medida que a alma de vocês fica mais livre, mais aberta, mais questionadora, com o espírito da busca da verdade, mais cheia de boa vontade para com as dádivas de amor de Deus por vocês. O universo envia seu terno amor a cada um, como pessoas e como um novo grupo de seres humanos no qual o mundo dos espíritos deposita tanta esperança. Sejam todos abençoados!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode somente ser impressa para uso estritamente pessoal. De acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitido sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.